

OS AD **Da autora best-seller** RÁVEIS  
**SARRA MANNING**

# OS AD RÁVEIS

*Eles não têm medo de  
ser quem são...*



# 1



— **Precisamos conversar** — Michael Lee me disse de um jeito firme quando saí do provador improvisado no bazar de usados da St. Jude, que era feito de quatro cortinas de trilhos dispostas em um quadrado, diante de um espelho embaçado.

Eu não disse nada. Só olhei para seu reflexo, porque ele era Michael Lee. Michael Lee!

Ah, Michael Lee! Por onde começar? Os garotos queriam ser como ele. As garotas o queriam. Ele era a estrela da escola, do palco e do campo de futebol. Tinha cérebro o bastante para disputar com geeks, era o capitão do time de futebol diante do qual todos os esportistas se ajoelhavam e seu falso moicano mais seu All Star cuidadosamente desgastado também lhe permitiam andar no meio da galera indie. Se isso não bastasse, seu pai era chinês e ele tinha certo ar exótico euro-asiático. Ele era tão lindo que havia até mesmo uma ode às maçãs de seu rosto na parede do banheiro feminino do segundo andar da escola.

Ele poderia ser tudo isso e mais um saco de bambolês, mas, até onde eu sei, se você é um daqueles tipos populares que se relacionam com absolutamente qualquer pessoa, você não consegue ter um estilo. Para ser tudo para todas as pessoas, Michael Lee teve que se tornar a pessoa menos interessante em nossa escola. Isso deve ter lhe dado algum trabalho, já que nossa escola esbanjava mediocridade.

Eu não conseguia nem imaginar por que Michael Lee estava ali, diante de mim, de queixo empinado, insistindo que precisávamos ter

uma conversa. Tão à minha frente que eu tinha uma vista privilegiada de suas maçãs do rosto inspiradoras de poetas. Também podia ver suas narinas um pouco acima, porque ele era assustadoramente alto.

— Vá embora — disse com uma voz entediada, estendendo minha mão languidamente em direção à saída do salão da igreja. — Porque posso garantir que você não tem nada a dizer que eu gostaria de ouvir.

Isso podia, facilmente, mandar a maioria das pessoas de volta ao lugar de onde vieram, mas Michael Lee só me deu aquele olhar, como se eu fosse toda fumaça e arrogância, e então se atreveu a colocar a mão em meu ombro para que pudesse virar meu corpo rígido e servil para ele.

— Veja — disse ele, sua respiração contra meu rosto, o que me fez recuar. — O que há de errado com essa imagem?

Não conseguia me concentrar em outra coisa senão em Michael Lee e seus dedos quentes de jogador de futebol americano, além de escritor de redações premiadas, em minha clavícula. Aquilo era um erro. Muito mais que um erro. Era um mundo de erros. Mantive meus olhos fechados em protesto e, quando os abri novamente, estava olhando para Barney — eu o deixara no comando de minha barraca, apesar de não ser uma boa ideia —, que estava conversando com uma garota.

Não era uma garota qualquer, mas Scarlett Thomas, que calhava de ser a namorada de Michael Lee. Não que eu tivesse isso contra ela. O que eu tinha contra ela é que ela era sem graça e tinha uma voz muito irritante, ofegante e infantil, que surtia o mesmo efeito em mim que o de alguém mastigando cubos de gelo. Scarlett também tinha cabelos loiros e compridos, que passava horas penteando, hidratando, ajeitando e jogando de um lado para o outro, por isso, se você estivesse atrás dela na fila do almoço, tinha uma boa chance de ganhar um bocado de cabelo como acompanhamento extra.

Ela estava jogando o cabelo para trás naquele instante, enquanto falava com Barney, e, sim, ela estava dando um sorriso vago e Barney

estava sorrindo e abaixando a cabeça, a maneira como ele agia quando estava envergonhado. Não era uma imagem que fazia meu coração pular de alegria, porém, mais uma vez...

— Não há nada de errado com essa imagem — eu disse a Michael Lee. — É apenas sua namorada conversando com meu namorado...

— Não é a conversa...

— ... sobre equações do segundo grau. — Ou sobre uma das muitas outras coisas que Scarlett não entendia, o que a levava a ficar reprovada em Matemática, no Ensino Médio, e ter que refazer a matéria. Olhei bem séria para Michael. — Foi por isso que a Sra. Clements pediu a Barney para ser tutor de Scarlett. Ela não lhe contou?

— Ela contou, e não é o fato de eles falarem um com o outro que está errado, e sim como eles não estão falando. Estão apenas ali, fitando um ao outro — ressaltou.

— Você está sendo ridículo! — eu disse, enquanto olhei disfarçadamente para onde Barney e Scarlett estavam, de fato, fitando um ao outro. Era óbvio que eles estavam se encarando porque não tinham o que dizer, e isso era constrangedor; isso de se fitar nervosamente, porque não têm nada em comum. — Não há nada, nada, nem mesmo uma única coisa rolando. Bem, nada além de você e Scarlett estarem circulando entre os pobres em um bazar de usados — completei, voltando minha atenção para Michael Lee. — Certo, agora que já esclarecemos isso, sintase à vontade pra ir cuidar de suas coisas.

Michael abriu a boca como se tivesse algo mais a dizer sobre todo o não acontecimento entre Barney e Scarlett, que, agora, faziam caretas um para o outro. E então, fechou-a novamente. Esperei-o sair para que pudesse cuidar das minhas coisas, mas, de repente, ele se moveu para ainda mais perto de mim.

— Há algo acontecendo entre eles — disse, inclinando a cabeça. Senti sua respiração nas minhas bochechas. Eu queria me abanar com um gesto irritado. Ele se endireitou. — E belo vestido, a propósito.

Percebi, por seu sorriso no rosto, que ele não queria dizer aquilo, o que me fez pensar se Michael Lee poderia, na verdade, ter algumas qualidades ocultas enterradas muito abaixo da superfície de seu exterior raso.

Funguei alto e desdenhosamente, o que fez com que aqueles lábios tão peculiares se abrissem num sorriso franco antes que ele se afastasse.

— Jeane, meu amor, não leve a mal, mas ele estava sendo sarcástico. Esse vestido não é nada bonito — disse uma voz aflita à minha esquerda. Eram Marion e Betty, duas voluntárias da comissão social da St. Jude que cuidavam da barraca do bolo e policiavam os provadores. Apenas um de seus olhares severos poderia assustar o pervertido mais determinado. Eu não duvidava de que elas bombardeariam, com pedaços de bolo, qualquer um que tivesse olhos curiosos; isso caso seus olhares severos falhassem.

— Eu sei que ele estava sendo sarcástico, mas ele também está muito enganado, porque esse vestido é totalmente incrível — eu disse, dando um passo para trás para que pudesse me contemplar novamente, embora meu coração não estivesse realmente ali naquele momento.

O vestido era preto e eu normalmente não usava preto porque, oras, por que alguém ia querer usar essa cor quando havia tantas cores fabulosas no mundo? Somente pessoas sem imaginação — e os góticos, que não ficaram sabendo que os anos 1990 já tinham acabado. Mas o vestido não era somente preto; tinha alguns padrões horizontais, linhas onduladas amarelas, verdes, azuis, vermelhas, roxas, alaranjadas e cor-de-rosa que me causavam coceira nos olhos, e se ajustava tão bem ao meu corpo que poderia ter sido feito exclusivamente para mim, o que não acontecia muitas vezes, pois tenho um corpo muito estranho. Sou pequena, não meço mais que 1,50 metro, e compacta, de modo que posso até vestir os tamanhos de criança, mas fico meio robusta com essas roupas. Meu avô costumava dizer que eu parecia um pequeno pônei, isso quando não estava me dizendo que as garotas devem ser vistas e não ouvidas.

De qualquer forma, sim, sou robusta, atarracada mesmo. Assim... minhas pernas são musculosas porque pedalo muito, e sou um tipo de sólido em qualquer outro lugar. Se não fosse pelo cabelo cinza-ferro (que era para ser branco, mas meu amigo Ben treinara como cabeleireiro por apenas duas semanas e algo deu muito errado) e o batom vermelho que eu sempre uso, poderia passar por um garoto gordinho de 12 anos de idade. Mas esse vestido tinha cortes, costuras, pontas e linhas horizontais suficientes para, pelo menos, parecer que eu tinha algum tipo de forma, já que a puberdade e eu não estávamos nos dando muito bem. Em vez de curvas femininas, ela estava me deixando retangular como um tijolo.

— Você ficaria tão bonita se usasse um belo vestido em vez de todo esse material repugnante desse bazar de usados! Você não sabe por onde isso andou... — Betty lamentou. — Minha neta tem inúmeras roupas que não usa mais. Eu poderia separar algumas coisas para você.

— Não, obrigada — eu disse com firmeza. — Eu amo as coisas repugnantes da venda de usados.

— Mas algumas das roupas usadas de minha neta são da Topshop.

Foi muito difícil me conter, mas não me lancei imediatamente em um discurso retórico sobre os males de se comprar roupas de cadeias de lojas que disseminam os mesmos cinco looks a cada temporada, de modo que todo mundo se veste com roupas costuradas por crianças, pagas com copos de milho, em fábricas do Terceiro Mundo.

— É sério, Betty, eu gosto de vestir roupas que outras pessoas não querem mais. Não é culpa da roupa que ela tenha saído de moda — insisti. — De qualquer forma, é melhor reutilizar do que reciclar.

Cinco minutos depois, o vestido era meu, e eu já estava com minha saia de tweed lilás, de madame, e suéter cor de mostarda, indo para minha barraca, onde Barney folheava uma pilha de quadrinhos amarelados. Felizmente, Scarlett e Michael Lee não estavam por ali.

— Trouxe um bolo pra você — anunciei. Ao som de minha voz, a cabeça de Barney se elevou e sua pele branco-leite mostrou um tom

rosado. Eu nunca tinha conhecido um garoto que corasse tanto quanto Barney. Na verdade, nem tinha percebido que garotos coravam, até encontrar Barney.

Ele estava corando agora, sem nenhuma boa razão, a menos que... não, eu não ia perder meu precioso tempo com as teorias malucas de Michael Lee, exceto...

— Então, Michael Lee e Scarlett Thomas, o que eles estavam fazendo aqui? — perguntei casualmente. — Difícil eles frequentarem este lugar. Aposto que foram embora pra se desinfetar do cheiro de coisas de segunda mão.

Barney ficou tão vermelho que parecia que tinha mergulhado a cabeça em uma panela de água quente, mas virou a cara, fazendo com que uma cortina de cabelos sedosos cobrisse seu rosto corado, e resmungou algo ininteligível.

— Você e Scarlett... — iniciei.

— Err, o que é que tem eu e a Scarlett? — perguntou com voz estrangulada.

Dei de ombros.

— É que eu a vi quando estava provando alguns vestidos. Espero que você tenha se empenhado de verdade com ela e desencilhado aquela caneca lascada, difícil de vender, dos jogadores de rúgbi.

— Bem, não, não deu — Barney admitiu, como se estivesse confessando algo vergonhoso. — E essa caneca está realmente lascada.

— É verdade. Muito verdadeiro. Não surpreende que você não tenha conseguido se livrar dela — eu disse, inclinando a cabeça, o que esperava que fosse uma maneira de demonstrar compreensão. — Vocês dois pareciam muito próximos. Do que estavam falando?

Barney agitou as mãos.

— Nada! — gritou, e percebi imediatamente que “nada” não era uma resposta adequada. — Nós conversamos sobre Matemática e outras coisas — acrescentou.

Eu estava certa de que não havia nada acontecendo entre eles, além de algumas frações compostas, mas a aparente culpa de Barney me forçava a repensar essa teoria.

Sabia que poderia arrancar a verdade dele em nanossegundos, e a verdade era que Barney tinha uma queda por Scarlett. Agradável ao olhar e nada exigente no cérebro, ela seria considerada um ótimo partido. Mas não havia nenhum motivo para ficar chateada com aquilo, embora eu acreditasse que ele fosse melhor que isso. Em todo caso, realmente não era um assunto sobre o qual valesse a pena falar por mais tempo. Era algo muito chato.

— Eu trouxe um bolo pra você — lembrei-me, e vi seus olhos irem de um lado para o outro rapidamente, como se não tivesse certeza de que minha mudança abrupta de tema significava que o assunto “Scarlett” acabara e fora resolvido, ou se fora só uma tática sorrateira para pegá-lo.

Pela primeira vez, não tinha sido essa minha intenção. Entreguei-lhe uma enorme fatia de bolo, que estava embrulhada em um guardanapo. Barney a pegou cautelosamente.

— Bem, obrigado — murmurou, enquanto descobria seu prêmio e eu observava seu rosto ir de um rosa intenso para um branco-lençol. Barney era tão branco que ficava apenas atrás do albino. Odiava sua pele quase tanto quanto odiava seu cabelo alaranjado. Na escola, os mais novos chamavam Barney de “ferrugem feioso”, mas o cabelo dele não era ruivo. Na verdade, tinha cor de marmelada, exceto quando brilhava sob o sol e se tornava uma chama viva, e é por isso que eu o proibia de tingi-lo. Ele também não era feioso. Quando seu rosto não estava escondido por uma franja espessa, suas feições eram delicadas, quase juvenis, e seus olhos eram de um tom verde-água. Barney é o único garoto que já conheci cujas cores básicas eram o branco, o alaranjado e o verde. A maioria dos outros garotos era de um azul básico ou castanho, pensei, e fiz uma nota mental para explorar essa teoria da cor em meu blog, mais tarde. Então, voltei minha atenção para



Barney, que havia feito uma careta e estava empurrando o guardanapo, e seu conteúdo, de volta para mim.

— Esse bolo é de cenoura!

Balancei a cabeça.

— Bolo de cenoura com creme de queijo. Hum!

— Sem essa de hum. Isso é, tipo, anti-hum. Eu lhe pedi que me trouxesse um bolo. UM BOLO! E você volta com algo feito de cenoura e queijo. Isso não é bolo — Barney rosnou. — É um não bolo disfarçado de bolo.

Eu só fiquei olhando e esperando. Já vira Barney petulante antes e eu geralmente era responsável por isso, mas nunca o vira tão arrogante.

— Mas você come cenoura — arrisquei-me timidamente, sob o peso da carranca feroz de Barney. — Tenho certeza de que já o vi comer cenouras.

— Eu as como sob coação, e é preciso ter carne ou batatas com elas.

— Sinto muito — disse, e tentei fazer parecer que realmente queria dizer aquilo. Barney estava com um humor muito imprevisível e eu não queria provocar outra explosão. — Sinto muito se pisei na bola na escolha do bolo. Eu, obviamente, preciso trabalhar nisso.

— Bem, creio que não seja sua culpa — Barney decidiu magnanimamente. Olhou para mim por debaixo da franja, o vislumbre de um mero sorriso apenas pairando em seus lábios. — Você realmente é péssima em escolher bolos, mas é bom saber que você pisa na bola, às vezes.

— Eu piso na bola com um monte de coisas — assegurei-lhe, enquanto decidia que, provavelmente, seria bom ficar na barraca com ele. — Não sei virar cambalhotas. Nunca peguei o jeito de falar alemão e não tenho músculos faciais fortes o suficiente para arquear uma sobancelha.

— É genético — disse Barney. — Mas acho que, se você treinar, vai conseguir.

Empurrei minha sobrancelha direita com o dedo.

— Talvez eu deva colar uma fita, mantendo-a no alto toda noite, e esperar que minha memória muscular aprenda o esquema.

— Aposto que há um guia de instruções na internet — Barney disse ansiosamente. Era exatamente o tipo de coisa aleatória e obscura que ele gostava de pesquisar. — Vou colocar meu Google-fu nisso, posso?

Éramos amigos novamente. Quero dizer, namorado e namorada novamente. Dei um pedaço do meu bolo de chocolate para Barney e, então, passei o resto da tarde aumentando a lista das coisas em que eu absolutamente pisava na bola, fazendo-o rir.

Foi muito bom. Nós estávamos bem. Embora eu me perguntasse por que tivera que me colocar para baixo a fim de fazer Barney se sentir melhor sobre nosso relacionamento, já que eu era uma feminista de carteirinha. Tipo, sério. Eu tinha a palavra “feminista” em meus cartões de visita. Mas, dessa vez, peguei o caminho mais fácil porque não podia suportar a ideia de passar três horas com Barney se lamuriando sobre aquilo. Nem sequer gritei quando ele derramou refrigerante no porta-garrafa Adorkable que eu levava séculos para tricotar.